

Evolução histórica-filosófica do conceito de homem com enfoque em Santo

Tomás de Aquino

1.Introdução

O que é o homem? Interessante que ocorra na História da Filosofia um questionamento tão fundamental, que consiste no que somos nós mesmos. Mas a problemática não é fácil e desperta o interesse de muitos filósofos que variam em suas conclusões.

O estudo do homem é fundamental para a compreensão da vida em sociedade, devido ao papel peculiar deste.

Falar em homem é falar em corpo e alma, como veremos no desenvolvimento do trabalho.

Iniciamos fazendo um breve aporte aos pré-socráticos, que tinham grande ligação com o cosmos e se preocuparam mais com o mundo físico, embora tenham deixado uma grande contribuição para a medicina. Passamos por Sócrates, Platão. Aqui já aportamos as críticas de Tomas de Aquino ao filósofo Platão. Seguimos com Aristóteles, principal fonte de Santo Tomás de Aquino.

Destacamos o pensamento de Santo Agostinho como expoente da Patrística, e sua grande colaboração ao tema abordado.

Passamos rapidamente por Hobbes, Descartes e Comte com a finalidade de enfatizar a mudança de pensamento ao longo da história. Obviamente selecionamos alguns filósofos devido a extensão do tema e o interesse de praticamente toda a História da Filosofia.

Na segunda parte damos novamente enfoque ao pensamento de Santo Tomás de Aquino a respeito do homem, devido a grande contribuição que o mesmo traz ao tema.

São abordadas muitas fontes e comentadores, a fim de que fosse elaborado um trabalho bem fundamentado.

É com o cristianismo que surge a noção do homem enquanto pessoa e seu papel de criatura feita a imagem e semelhança de Deus. Isto repercute na consideração da dignidade especial do homem, pois além de ser superior aos demais seres devido a vida intelectual, possui dignidade única e encontra em Deus seu fim último e sua felicidade .

O método utilizado é o bibliográfico , crítico-histórico.

Concluiremos indicando qual o filósofo adotado por esta autora , de forma devidamente fundamentada.

2. Evolução histórica- filosófica:

Os primeiros filósofos, os pré- socráticos ,foram chamados de fisiólogos por se preocuparem mais com o um mundo físico. Mas nem por isso deixaram de ter sua contribuição com o tema do homem.

A cultura grega antiga foi um marco na fundação do pensamento ocidental. Foi com os antigos gregos que surgiram estudos sistemáticos relativos a estrutura e funcionamento do corpo e da mente.

Existem muitos conceitos que encontram suas origens nas investigações elaboradas pelos pré-socráticos, como o mecanismo da atividade cognitiva, a fonte dos pensamentos, entre outros, vindo a deixar sua contribuição na filosofia, psicologia e mesmo medicina.

Não se pode falar em homem sem falar em alma.

Na história da Grécia antiga predomina a realidade da alma nos termos de que cada filósofo utiliza para definir a realidade. Assim temos que para Anaxímenes a alma é ar; para Heráclito é o fogo; para Demócrito é o átomo e assim sucessivamente.

O tema da alma permite interpretar toda a realidade como um fenômeno vital.

Heráclito, apesar de possuir uma doutrina tão escassamente conhecida sentiu necessidade de formular esta indagação: “ Me he buscado a mi mismo”. (Fragmento 101 de la obra de Diels, Die Fragmente der Vorsokratiker, 1934, I, 173). Com estas palavras Heráclito caracterizou toda sua filosofia.

Sobre o conhecimento os pré-socráticos afirmavam que o semelhante se conhece pelo semelhante. Assim, conhecemos o fogo exterior pelo fogo interior que existe em nós. Mas este entendimento erra no momento em que não considera que o conhecimento intelectual é universal, enquanto que as coisas são individuais.

Esta vem a ser a primeira a indagação filosófica dos dois planos – o físico e o humano- que vem a permitir uma consideração isolada deste último, ou seja, o humano.

Com a sofística o homem deixa de ser uma concreção do universo e se converte como diz a famosa expressão de Protágoras, na medida do universo. Parte-se de um naturalismo para um humanismo. Não podemos ainda falar de um objetivo, mas sim do conceito de humanidade. Vinculado, como ensina Jaeger “ as características do homem considerado como ser político ligado a um significado de educação e formação humanas.

O homem passa a ser visto individualmente enquanto relacionado a dimensão política. Mas ainda não se chega a uma realidade constitutiva do ser humano mesmo. Importam-se mais com a aparência e prestígio ante os outros.

Damos início agora para aqueles filósofos que centraremos nossa especulação.

Enquanto antes de Sócrates os gregos elaboraram uma reflexão a partir do devir das coisas, buscando o substrato primeiro segundo o qual se tornava possível este devir, com Sócrates surge uma nova inquietude que consiste no valor do conhecimento humano caminho para alcançar a virtude (areté) que consiste em um saber.

Sócrates concorda com os sofistas em sua preocupação pelo homem (PLATÃO, Fedro 230d). No entanto vai muito além deles.

A grande preocupação de Sócrates é o conhecimento de si mesmo. A auto-interrogação é dever fundamental do homem. Para Sócrates o homem é um ser em busca de si mesmo marcado com o caráter da verdade. Rejeita a opinião.

Para Sócrates a alma coincide com a nossa consciência pensante e operante, com a nossa razão e com a sede da nossa atividade pensante e eticamente operante. Em poucas palavras: para Sócrates a alma é o eu consciente, é a personalidade intelectual e moral (REALE, G., II, págs. 92,93,2009).

Toda doutrina socrática pode ser resumida nessas proposições convergentes: "Conhecer a si mesmo" e "cuidar de si mesmo". E conhecer "a si mesmo" não quer dizer conhecer o próprio nome nem o próprio corpo, mas examinar-se interiormente e conhecer a própria alma, assim como cuidar de si mesmo não quer dizer cuidar do próprio corpo, mas da própria alma. Ensinar os homens a conhecer e a cuidar de si mesmos é a tarefa suprema da qual Sócrates considera ter sido investido por Deus. (REALE, G., II, 95, 2009)

Platão coloca na boca de Sócrates o discurso sobre a alma. É como um testamento espiritual. E ele o faz dizer que a única coisa que o preme é que eles cuidem si mesmos, ou seja que cuidem da sua própria alma. (REALE, G. 98, 2009)

Para Sócrates o ideal é uma verdade objetiva, absoluta, universal) , mas o único universo que conhece e ao qual se referem todas as suas indagações é o universo do homem. Sua filosofia, se possui alguma, é estritamente antropológica. (CASSIRER,1992, pág.19)

A essência do homem coincide com a atitude interna da alma. A essência do homem independe das circunstâncias externas.

Podemos dizer que o pensamento de Sócrates define o ser como aquele que pode dar uma resposta racional a uma pergunta racional. Não só seu pensamento como sua moralidade encontram-se dentro deste panorama.

Para Platão o ser do homem é sua alma., uma vez que somente ela é uma realidade eidética. O corpo ou as demais formas anímicas não passam de exterioridade sem consistência.

Enquanto possuímos o corpo e a alma, não temos como alcançar a verdade (PLATÃO, Fédon 66b).

Na concepção antropológica de Platão encontramos os elementos espiritual e natural.

Santo Tomás explica que para Platão e seus seguidores a alma intelectual não se une ao corpo como uma forma à matéria, mas somente como causa motriz ao corpo movido. Assim a união da alma e do corpo não se daria por contato virtual. O Santo de Aquino discorda pois afirma que o homem resulta da união da alma com o corpo. Se os dois elementos só se unissem virtualmente , o homem não seria absolutamente um, e em consequência tampouco um só ser, senão de maneira accidental. (SG cap. LVII,p.227).

Por isto que Platão diz que o homem não é um composto de corpo e alma, mas que é só alma que usa do corpo.

Ainda segundo Platão as almas nutritivas, sensitiva e intelectual são diversas em nós. Santo Tomás contesta alegando que se aquelas fossem diversas potências ou formas em nós, tudo o que se nos atribui segundo ditas formas, se predicaria delas accidentalmente. Mas pela alma intelectual somos homens, pela sensitiva animais, e pela nutritiva seres viventes. Logo accidentalmente se predicaria: o homem é animal ou o homem é vivente. No entanto tal predicação é essencial; porque o homem enquanto homem, é animal e o animal enquanto tal é vivente. Por conseguinte ser homem, animal e vivente, provém do mesmo princípio, . (SG LVIII, pág. 230)

Se o homem, segundo a opinião platônica , não fosse composto de alma e corpo, mas uma alma que usa do corpo, ou isto se entenderia unicamente da alma intelectual, ou das três almas, se é que são três, ou de duas delas. Se se entendesse de duas ou de três das almas, se seguiria que o homem não é um ser, mas dois ou três. Poderia , no entanto, se alegar que só se trata da alma intelectual, de maneira que a sensitiva fosse forma do corpo, e neste caso a intelectual usaria do corpo animado pela alma sensitiva e, nisto consistiria o homem. Mas ainda se seguiriam sérios inconvenientes: porque então o homem não seria animal, já que seria animal o corpo animado pela alma sensitiva; e pelo mesmo o homem não sentiria, senão unicamente usaria de uma coisa sensitiva. Isto é o que seguiria como inconveniente; logo é impossível que haja em nós três almas substancias diferentes, ou seja , a intelectual, a sensitiva e a nutritiva. (SG LVIII, pág. 231).

Santo Tomás dá ênfase a “intelecção”, atividade própria do homem enquanto homem.

Entre o materialismo de Demócrito segundo o qual nossos conhecimentos são resultados da impressão causada pelas partículas materiais emitidas pelos corpos, e o espiritualismo de Platão, segundo o qual a inteligência conhece diretamente o inteligível com a ausência de uma função causal do corpóreo O Santo Doutor escolhe a opinião de Aristóteles, aprofundando-a e aclarando-a. “ o conhecimento propriamente humano é transcendente ao corpóreo, ainda que tenha sua origem na percepção sensorial. Dela a inteligência abstrai o inteligível, superando a concreção material (PONFERRADA, 141).

É a intelecção o ato segundo o qual a inteligência conhece o seu objeto, o inteligível, ou seja, o meta- sensível, a estrutura íntima dos seres, que transcende a percepção sensorial, não só com respeito aos demais seres, mas enquanto a si mesmo. O entendimento possui a capacidade de captar-se a si mesmo. A visão não pode ver-se a si mesma; ao contrário a inteligência, tem consciência de si.

Nossa inteligência conhece o seu objeto, o inteligível, no sensível: chama-se abstração a extração dos aspectos inteligíveis dos seres corpóreos. A atividade corpórea é indispensável no processo intelectual.

O Santo Doutor ensina que o conhecimento intelectual é progressivo. Primeiro ocorre a captação das essências e do ser, o que ocorre de forma confusa. Em cima disso deve-se elaborar uma reflexão, a análise e a experiência até que venha a chegar-se a uma intelecção clara e distinta, que nem sempre é obtida. Sendo assim, urge destacar a importância do trabalho científico e filosófico, que permitirão um conhecimento não obtido na primeira captação.

Santo Tomás segue a clássica definição de pessoa de Boécio: “ substância individual de natureza corporal.

É substância porque é um ser que subsiste em si mesmo e não em outro nem com outro; é individual porque constitui uma unidade existencial indivisa e distinta das demais da mesma espécie; de natureza, porque possui uma estrutura essencial típica com características comuns a sua espécie; racional, capaz de raciocinar, de entender discursivamente.

A característica típica do homem é sua racionalidade. Nela se assumem os demais aspectos e por ela a pessoa logra sua realização, não só no âmbito do conhecimento, senão também no da ação, cuja raiz está na razão.

Nem por isto Santo Tomás é um racionalista. Enquanto o racionalismo elege a razão em absoluto; no tomismo sucede o contrário. Raciocinar significa pobreza do entendimento humano, o ínfimo dos intelectos, que enquanto intelecto tem por função intuir a realidade das coisas, mas enquanto humano o faz trabalhosamente. A primeira intuição intelectual versa sobre o sensível e é sempre confusa. É necessário elaborar-se um processo discursivo para assim

esclarecer-se e purificar-se. Somente ao fim desta reflexão, uma vez realizada corretamente, se chega a intuição da verdade. (PONFERRADA,1985 pág. 163).

É devido à razão que o homem consegue compreender e dominar os demais seres, muito embora o mais importante para sua existência seja orientar e dirigir o seu próprio ser, desenvolvendo suas virtualidades.

Apesar de Santo Tomás de Aquino fundamentar sua concepção antropológica em fontes aristotélicas e agostinianas, supera ambas. Com Aristóteles encontramos a importância do corpóreo, desvalorizado pelo agostinismo. Com Santo Agostinho destaca a importância do espiritual, da subjetividade e da consciência. As funções vegetativas e sensitivas encontram-se ao serviço da força superior, intelectual e volitiva, na qual encontrarão sua culminação, sua razão de ser.

Nisto consiste a ética tomista. Além de utilizar elementos aristotélicos, se utiliza também de elementos estoicos, neoplatônicos e sobretudo da moral cristã.

No sistema de Aristóteles ele encontra dificuldades para explicar o que pensa sobre o homem. Não as mesmas dificuldades que Sócrates e Platão, mas nem por isso de menor importância.

Platão, ao destacar a importância da alma humana, de sua imortalidade, é forçado a considerar o corpo. Salvando a alma, ocorre a perda da integralidade humana.

Para Aristóteles é diferente. Toma uma posição intermediária entre os pré-socráticos que consideravam a *psyché* com o princípio físico e Platão que vê na alma um princípio ideal. Porém, não se trata de uma realidade separada e inconciliável com o corpo, mas sim da forma, do ato ou da inteligência do corpo, salvando a unidade do ser vivo.

A psicologia platônica da transcendência não se perde, pois Aristóteles não considera a alma como absolutamente imanente. O pensar puro que leva o homem a conhecer o imaterial e o eterno só pode ser devido a necessidade de que uma parte da alma seja separável do corpo.

Não há dúvida de que a alma não é separável do corpo, ou pelo menos não o são algumas de suas partes, se ela é por natureza divisível: de fato a *enteléquia* de algumas de suas partes é a *enteléquia* das correspondentes partes do corpo. Mas nada impede que pelo menos algumas outras partes sejam separáveis, pelo fato de não serem enteléquia de nenhum corpo. (De anima B1, 413 a 4-7).

Na Metafísica ensina que se alguma coisa permanece depois (da corrupção) trata-se de um problema que ainda tem que ser examinado. Nada o impede para alguns seres: por

exemplo, para a alma, não toda a alma, mas só a intelectiva; toda ela seria impossível. (ARISTÓTELES, *Metafísica A 3*, 1070 a 24-26).

Necessário se faz estudar a doutrina geral da alma e a tríplice distinção e suas partes em alma vegetativa, alma sensitiva e alma intelectiva ou racional.

O homem, como já se disse, é uma união substancial de alma e corpo. Enquanto a alma cumpre as funções de forma em relação à matéria, esta vem a ser constituída pelo segundo. A alma humana se caracteriza pela racionalidade, a inteligência, o pensamento. Porém há que destacar, como já foi dito que a alma humana também desempenha as funções da alma sensitiva e vegetativa, caracterizando-se pela sua superioridade em relação a estas. Desta forma, a alma humana, se bem seja uma e única apresenta várias faculdades, funções, se manifestando com diferentes atos.

Enquanto as plantas possuem só alma vegetativa, os animais possuem alma vegetativa e sensitiva, e os homens possuem alma vegetativa, sensitiva e racional Ross, citado por REALE, G. 2009, III, pág. 82 ensina que:

“[a divisão que a alma admite, não é em partes qualitativamente diferentes, mas em partes nas quais existem a qualidade do todo, A alma, de fato, embora Aristóteles não o diga, é homogênea, como um tecido e não como um órgão. E embora use amiúde a tradicional expressão “ partes da alma”, a palavra que prefere é faculdade” . (ROSS, Aristóteles, pág. 198).

REALE, G. 2009, diz que a alma vegetativa é o princípio mais elementar da vida. E segue: “Dados que os fenômenos mais elementares da vida são a geração, a nutrição e o crescimento, a alma vegetativa é princípio que governa a geração, a nutrição e o crescimento. Assim é superada a explicação dos processos vitais dada pelos naturalistas. A causa do crescimento não são nem o fogo, nem o calor, nem um gênero de matéria.

Até mesmo o mais moderno dos vegetais, ao reproduzir-se, está buscando o eterno, e a alma vegetativa é princípio que, no mais baixo nível, torna possível esse eterno perpetuar-se.

Pode-se dizer que a mais importante função da alma é a sensitiva responsável justamente pela sensação.

Temos faculdades sensitivas que estão em ato, enquanto outras estão em potência. As que estão em potência são como o combustível que não queima senão em contato com o comburente. A faculdade sensitiva, passa de simples capacidade de sentir, a sensação em ato ao ter contato com o objeto sensível.

Aristóteles procede a um exame dos cinco sentidos e os sensíveis que lhe são próprios. Além dos sensíveis próprios, existem também os sensíveis comuns, como o

movimento, a quietude, a figura, a grandeza, que não são percebidos por nenhum dos cinco sentidos em particular, mas podem ser percebidos por todos.

Acerca dos sentidos, segue-se na estrutura do Tratado uma detalhada análise da visão e do órgão da visão (418 a, 25/419b), do ouvido, do som e da voz (419b, 5/421 a,5) do olfato relativamente aos animais aquáticos e não aquáticos (421 a, 5/422 a,5) do paladar e o sabor (421^a, 10/422b, 15) da mediação do tato com os objetos tácteis (422b,20/424 a, 15).

De maneira genérica, seja para o paladar, seja para o tato, seja para a audição, seja para a visão “sentido” significa faculdade capaz de receber as formas sensíveis, porém sem a matéria que as acompanha; os sentidos percebem sem apreender a matéria de que se compõem os sensíveis percebidos”. (De anima, 424 a, 20).

A fantasia, produto da imagem, e a memória, conservação as mesmas derivam a sensação. O apetite nasce em consequência da sensação em quanto o movimento deriva do desejo. (REALE, G. III, 86)

O intelecto para Aristóteles surge da relação entre alma e corpo. Alma e corpo não são unidades separadas. A alma constitui-se em causa e princípio do corpo vivo. As manifestações como coragem, doçura, temor, piedade, audácia, alegria, amor e ódio apresentam-se através do corpo. Já a alma compete a coordenação das funções vitais do organismo, como sensações, afeições e atividades, bem como de sensibilidade e entendimento.

O conhecimento intelectual e o perceptivo são explicados por Aristóteles através das categorias metafísicas de potência e ato. Conforme ensina REALE, 2009, PÁG. 88 “A inteligência é por si, capacidade e potência de conhecer as puras formas; por sua vez as formas são contidas em potência nas sensações e nas imagens da fantasia; é preciso algo que traduza em ato essa dupla potencialidade, de modo que o pensamento se atualize captando em ato a forma, e a forma contida na imagem torne-se conceito em ato, captado e possuído”¹.

Um passo determinante na consideração do homem foi a aparição do cristianismo.

Inicialmente surge o tema da criação. Tudo é obra de Deus, e de uma maneira muito especial o homem, que ademais, é feito a imagem e semelhança do Criador. O homem, criado feliz e amigo de Deus, perde seus privilégios devido ao pecado.

Influenciado pelo platonismo, seguindo a linha dos neoplatônicos, especialmente de Plotino, Santo Agostinho concebe o homem como um composto de corpo e alma, sendo a alma a melhor parte, e o corpo a menos boa (SOL, II, 21). Tal entendimento foi mantido até o final de sua vida.

¹ Surge aqui o tema de intelecto potencial e intelecto atual; intelecto possível e intelecto ativo.

Em sua obra “Sobre a natureza do Bem”, alega que mesmo uma alma corrompida é superior a um corpo incorrupto.

Em sua obra “Sobre a Trindade” chega a alegar que o homem é simplesmente alma. Mesmo assim, o corpo não deixa de fazer parte da natureza humana. O que deseja Santo Agostinho é demonstrar a superioridade da alma.

Assim em sua obra “ Sobre a Cidade de Deus”, ensina que o homem não pode ser denominado só pela alma, nem só pelo corpo. “é grande verdade não ser todo o homem a alma do homem, mas sua parte superior, nem seu corpo todo o homem, mas sua parte inferior (De Civ. Dei, XIII, 24).

Ainda que a alma seja uma substância superior, ela necessita de um corpo para formar o homem. Para Agostinho, o corpo não é mero acidente , como para Platão e Plotino. O corpo também faz parte da natureza do homem (De Civ. Dei, I, 8).

Ao contrário dos maniqueus e dos filósofos antigos, especialmente Plotino, O Bispo de Hipona não considera o corpo um mal. . Ao contrários, critica-os alegando: “ Esses, errando, delirando, ou, pior ainda, verdadeiramente enlouquecidos, não veem que naquilo a que chamam natureza dos Supremo Mal colocam tantos bens, como, por exemplo a vida, o poder, a saúde...; e no que chamam o Supremo Bem colocam tantos males como a morte, a doença , o esquecimento, etc. (De nat. Boni., I, 41)

Assim, quando fala do corpo enquanto parte integrante do homem reconhece que o corpo é um bem, inferior, mas um bem.

No entanto, apesar de entender a necessária complementariedade entre corpo e alma para a formação do homem, ao contrário de Aristóteles, o Bispo de Hipona não crê em uma união substancial. Para Agostinho o homem constitui-se de substâncias diferentes.

Quanto ao corpo, Agostinho acredita que foi criado por Deus a partir do nada, como já dissemos acima. Quanto à origem da alma Agostinho encontrar dificuldade para explicar.

Em sua Obra “Sobre o livre –arbítrio”, citado por NUNES COSTA, M.R., 2012,pág. 71, Agostinho apresenta quatro alternativas para a origem da alma:

1. Se surge por reprodução ;
2. Se cada uma é criada por si em cada um dos que nascem;
3. Se existindo já em qualquer parte são enviadas por Deus;
4. ou descem espontaneamente para os corpos dos que nascem-nenhuma se deve afirmar temerariamente .

Ou de fato esta questão, segundo o que exige a sua obscuridade e complexidade, ainda não foi tratada e esclarecida pelos expositores católicos dos livros sagrados, ou se isso já foi feito, tais escritos não chegaram às nossas mãos (De lib. Arb. III, 21, 59).

Já quanto ao fim do corpo e da alma humanos, Santo Agostinho afirma que o corpo é mortal e a alma imortal.

Em sua obra QUANTITATE ANIMAE Santo Agostinho apresenta os sete graus da alma humana. A Saber: 1. A alma anima o corpo; 2. A alma sente por meio dos sentidos. 3. A alma raciocina e produz; 4. A alma purifica-se e aperfeiçoa-se; 5. A alma adquire tranquilidade; 6. A alma conduz à retidão; 7. A alma contempla a verdade.

No início do capítulo 33 o Bispo de Hipona nos ensina que a primeira ação da alma consiste em atuar com o corpo, com o qual está em unidade, harmonia e proporção (DE QUANTITATE ANIMAE, 33.70). Não se pode admitir pensar em corpo vivificado sem admitir uma dimensão que a tradição costuma chamar de alma.

Santo Agostinho explica que o homem é um composto de corpo e alma e questiona sobre qual dos dois elementos constitui primordialmente o homem total. Afirma que é a alma que guia o corpo. Assim define a alma como substância racional feita para dirigir o corpo, mortal e terreno. DE QUANTITATE ANIMAE 12,22 .

A alma se encontra em todo corpo que anima. Está difundida como atividade vivificante, de tal modo que está presente toda inteira e simultaneamente em todas e cada uma das partes do corpo. “Toda inteira no todo, e toda inteira em cada parte (EPÍSTULA 166,2.4), citado por

O que se refere a alma humana neste primeiro grau também se refere as plantas. As funções vegetativas e sensitivas que serão estudadas nos próximos graus são atividades comuns a outro tipo de alma, como a animação dos animais e o movimento das. Plantas.

No segundo grau temos que a alma sente por meio dos sentidos.

A sensação constitui-se em uma atividade que a alma exerce por meio do corpo. O conhecimento sensitiva dos odores, das cores, dos sabores , dos sons bem como do tato é obtido pelos sentidos. No entanto, o sentido não é a sua causa a principal, porque este sentir não é do corpo, mas da alma através do corpo. A alma é superior, porém, é pelos sentidos do corpo , que exerce o sua atividade de conhecer.

Nesse tipo de atividade da alma , ainda nos encontramos no nível dos animais.

Santo Agostinho define a sensação como “ a percepção pela alma do que sofre o corpo” (DE QUANTITATE ANIMAE, 23, 41). Quem sente a sensação é a alma , não o corpo. Primordialmente quem sente é a alma.

No terceiro grau a alma raciocina, produz e faz ciência., domínio específico da pessoa humana. Adentramos no mundo específico da observação e das coisas conservadas pela

memória. Enquanto os dois primeiros graus são comuns a homens e animais, o terceiro é exclusivo dos homens.

Pela razão e pela ciência, a alma tende a desligar-se dos sentidos do corpo, uma vez que são superiores ao sentido. Neste estágio a alma começa a experimentar o prazer interior. Do contrário, se a alma se inclinar aos sentidos, estará traindo sua própria natureza e colocando o homem na mesma posição dos animais irracionais.

No quarto grau caracteriza-se aquilo que é próprio do homem. Chegamos no ponto da vida virtuosa, o homem elevando-se conforme a sua natureza. Não podemos nos esquecer que para Santo Agostinho o homem é imagem de Deus e sua realização só é possível quando se esforce para isto.

Quando a alma começa a agir neste sentido, começa a ter mérito. A vontade inclinada pelo amor possibilita o cumprimento das leis divinas.

Nesse grau a atividade da alma tende para aquele que ela ama. Seu desejo é alcançá-lo e nele poder repousar. A alma transcende a si mesma, e como não existe nada de mais excelente acima da alma a não ser Deus, se deleita e encontra o descanso tão almejado.

Podemos dizer que é neste grau que começa o mérito verdadeiro.

No quinto grau a alma adquire tranquilidade. Consiste na conversão decisiva da alma para com Deus, mantendo-se a alma em um estado de pureza tendo garantida sua tranquilidade. A alma está preparada para seguir seu voo até a verdade plena, a beatitude.

A alma tende confiantemente para Deus, totalmente confiante e sentindo-se próxima da mais alta recompensa. Encontra tranquilidade.

No sexto grau a alma se dirige para Deus e obtém sua entrada na luz. Esta é a via iluminada dos místicos e é preciso ter alma limpa. É a beleza do ingresso em direção a beleza absoluta que é Deus.

No sétimo grau a alma contempla a verdade. Este não é transitório como os demais, mas constitui-se no ponto de chegada dos graus anteriores. É a meta final. É Deus mesmo, sua sabedoria e verdade absolutas. É a contemplação da Verdade. Alcança-se o Supremo autor, onde a alma compreende tudo.

Entenderemos que as coisas mesmo criadas por Deus não se comparam as coisas eternas.

É preciso distinguir entre este modo imperfeito da contemplação e a visão pura de Deus, reservada para a vida futura..

Santo Agostinho conclui que entre as coisas que Deus criou, nada há mais próximo a Ele do que a alma. Por isso é natural que a alma somente alcance descanso, quando repousa no sobrenatural do qual está próxima.(CONFISSÕES 1,1)

Descartes nos leva a aplicação do rigoroso método matemático, que tão profundas consequências trouxe consigo a aplicação da ciência.

Que eu posso duvidar de tudo, uma coisa sei certamente: que existo. Deste primeiro dato inquestionável cabe uma análise que vem a revelar minha natureza. Eu não sou, falando com precisão, senão uma coisa que pensa; é dizer um espírito, um entendimento, uma razão... Não sou este conjunto de membros chamado corpo humano.(DESCARTES, Meditaciones de prima filosofia II, 18-19).

O homem é essencialmente seu pensamento, seu espírito, sua palavra, consciência, livre de toda influência mecânica . E tem- como um bom ou mal amigo –seu corpo.” Suponho que este corpo não é outra coisa que uma estátua ou máquina de terrar que Deus forma expressamente para fazê-la a mais semelhante de nós que é possível. .(DESCARTES, Meditaciones de prima filosofia. Traité de l’homme I, 1-2 (ed. Adam Tannery, T.II, pág. 120).

Para Hobbes , os fenômenos todos , internos e externos da vida humana são explicáveis pelas relações das partículas que constituem o universo. Corpúsculos físicos, com um especial movimento centrado no coração e regido por leis de temporalidade e espacialidade constituem o homem².

Em sua concepção sociológica vigora a amarga desconfiança já tão conhecida: “ o homem é o lobo do próprio homem”.

O positivismo de Comte chega a s últimas consequências do emprismo e considera o homem formado, ou formando-se por uma trama de atos desligados de um núcleo e invariável que dê razão de unidade.

Chega-se a substituição de Deus, criador e diretor da História, por um confiado otimismo na capacidade ilimitada do poder humano, que cria seu porvenir , sua felicidade e seu mesmo ser: o ser social umas vezes , o absoluto do eu em outras ou enfim, o ser concreto do homem individual nas últimas posturas³.

3. O homem em Santo Tomás de Aquino-

² Veja-se Introducción al Tratado del hombre, Suma Teologica, B.A..C., 1958, pág. 26, citado na Introducción al Tratado del hombre , Suma Teológica, , 1954, pág. 26.

³ Veja-se Introducción al Tratado del hombre, Suma Teológica, I, B.A..C., 1954,pág. 29.

Segundo Santo Tomás de Aquino o homem possui as estruturas metafísicas de potência e ato, essência e existência. É também composto de matéria e forma como Aristóteles já havia dito, o que não impede sua unidade substancial.

Conforme *Summa Theologiae* I, q. 57, a 4c não é o homem sua alma, mas a unidade de sua alma, sua carne e seus ossos.

A doutrina tomista desenvolvida no Tratado do Homem , na *Summae Theologiae* é baseada na tese antropológica estão tão conectados que constituem uma unidade. A alma constitui-se em uma forma encarnada não em-um corpo, mas com-um-corpo em identidade de Substância com ele.

O homem existe no mundo com outros seres. É um ente entre os demais e distintos deles.

PONFERRADA, 1985, pág. 134, ensina que O homem está no mundo, forma parte dele e no entanto o transcende. Mas esta transcendência do mundo não o desliga deste, senão pelo contrário, o abre a ele e o relaciona com ele de um modo mais profundo que sua mera presença ou pertença física. Pelo conhecimento intelectual o mundo se faz presente ao homem em seus aspectos mais recônditos e essenciais.

O homem não se constitui em um ser feito de uma vez , sem possibilidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento. Tampouco é uma pura sucessão de atos em fuga, que nunca conseguem expressar a autêntica realidade humana Segundo o Santo Doutor o homem poderá ele mesmo ir realizando-se acidentalmente em busca da atualização de suas disponibilidades indefinidas. Eis aqui o sentido mais alto de sua operatividade, em sua qualidade de indivíduo de natureza racional, e por conseguinte de pessoa.

O homem é antes de tudo um ser que vive. Examinando os objetos da atividade vital se distinguem cinco tipos de potência: vegetativa, sensitiva, apetitiva, locomotiva e intelectual. Como a potência apetitiva aparece em todo tipo de vida, ainda que de forma análoga, os modos de vida se reduzem a quatro; por outra parte, a locomoção não se dá nos vegetais; logo de acordo aos objetos de sua atividade, existem três gêneros de princípios vitais: alma vegetativa ,alma sensitiva, e alma racional. (PONFERRADA, 1985, pág. 136).

Tratando-se o homem de um animal racional, deve-se enfocar seu aspecto sensitivo, comum aos demais animais , e o racional, específico do homem.

O conhecimento sensitivo caracteriza-se por ser uma atividade vital segundo a qual o animal traz presentes objetivamente em si as realidades do mundo exterior. O santo de Aquino apresenta por seus objetos próprios, cinco sentidos externos, a saber: a vista , o ouvido, o

paladar , o olfato e o tato. Enumera, por sua vez, quatro sentidos internos: o comum, a imaginação , a memória e a estimativa.

Pelo comum, são sintetizados os dados dos sentidos externos. Elabora a estrutura sensível do que percebemos, é como o tronco comum dos sentidos externos. A imaginação, conserva e reproduz, na ausência das coisas sentidas , aquilo que foi percebido. A memória representa os objetos percebidos no passado. Já a estimativa capta o útil ou nocivo de maneira instintiva (PONFERRADA, 1986,págs. 138, 139).

Chegando a vida intelectual, abordamos a intelecção, atividade propriamente humana.

Enquanto Demócrito com seu materialismo sustenta que todos nossos conhecimentos resultam da impressão causada por partículas materiais emitidas pelos corpos ; e superando o idealismo de Platão, segundo o qual a inteligência conhece diretamente o inteligível sem que o corpóreo tenha uma função causal, Santo Tomás opta pela solução de Aristóteles ainda que aprofundada, como já dissemos.

Para o Santo Doutor o conhecimento propriamente humano transcende ao corpóreo, ainda que tenha sua origem na percepção sensorial, causada pela atuação dos corpos sobre os órgãos do sentido: dela a inteligência abstrai o inteligível, superando a concreção material.

Chama-se intelecção o ato através do qual a inteligência conhece seu objeto, o inteligível, ou seja, o meta-sensível. Santo Tomás assinala que o inteligível é a estrutura íntima dos seres, transcendendo a percepção sensorial.

Isto não ocorre somente em relação aos outros seres, mas também em relação a si mesmo. O entendimento possui a capacidade de captar-se a si mesmo. Já a vista não pode ver a si mesma, mas a inteligência se entende, tem consciência de si.

Concluindo, para Santo Tomás nossa inteligência conhece seu objeto, o inteligível, no sensível. Por meio da abstração extrai dos seres corpóreos os aspectos inteligíveis, de modo tal que no processo intelectual é imprescindível a atividade corpórea.

Saindo da intelecção, Santo Tomás aborda o processo intelectual explicando que a a percepção sensorial deixa em nós uma imagem cujo conteúdo inteligível os sentidos não podem captar porque os transcende. A imagem, por outro lado, como pertence ao sensível, não pode atuar sobre o entendimento, que tem como objeto o universal. Daí a necessidade de admitir o que chama de intelecto agente, ou seja, uma atividade intelectual que tem como função extrair o conteúdo inteligível a imagem e atuar, juntamente com ela a potência intelectual.

A intelecção exige a intervenção conjunta da imagem, do intelecto agente e do entendimento, que uma vez atuado pelo inteligível, entende seu objeto. Há uma continuidade natural atuando por meio das faculdades sensoriais e intelectuais. (PONFERRADA, 143,144).

Na concepção tomista o homem é um ser de natureza muito especial situado nos confins dos mundos espiritual e o sensível. Com respeito a seu corpo coincide com os seres materiais e pertence ao mundo sensível. Mas, se distingue deles por sua alma, que é uma forma de categoria superior pela qual pertence ao mundo do espírito. (SUMMA THEOLOGIAE, I, q. 77,a 2..)

Quanto a origem da alma entende ser criada por Deus em cada caso particular. A criação é uma produção total da substância de uma coisa, tirando-a do nada, sem nenhum sujeito preexistente. Somente preexiste a causa eficiente que é Deus. SUMMA TEHOLOGIAE, I, q45, a 1).

A alma é uma substância e uma substância perfeita na ordem do ser e da substancialidade, mas não é uma substância completa na ordem específica, porque está destinada a unir-se como forma a um corpo para constituir um único indivíduo, de sorte que o indivíduo humano em certo sentido é mais digno e superior que a alma, enquanto que é mais completo que ela. (CG I, 25; SUMMA TEOLOGIAE 3,q. 77. A .1. ad.2)

O término da geração não é a alma só nem o corpo só, senão o corpo perfeito e completo, composto de alma e corpo.

A alma por si mesma não constitui uma pessoa, ainda que possa existir independente do corpo.

Santo Tomás rejeita o pluralismo de formas neoplatônicas, alegando que no homem há somente uma alma formalmente intelectiva e virtualmente vegetativa e sensitiva.

Como a alma é forma substancial do corpo, se une a ele diretamente, sem necessidade de intermediário algum(CG, II, 56)

A vida intelectiva é o grau mais alto da vida dos viventes. É própria dos seres superiores a partir do homem, o distinguindo-o das plantas e dos animais com os quais tem em comum a vida vegetativa e sensitiva, como já foi dito.

Assim como Santo Agostinho, Santo Tomás o homem traz consigo uma progressiva assimilação a Deus, onde encontrará sua perfeição, seu bem, seu fim último e sua felicidade perfeita⁴.

⁴ Veja-se Introducción al Tratado del hombre, Suma Teológica, I, B.AC., 1954, pág.20

4.Conclusão:

Finalizando este trabalho, entendemos por dizer que não forma poucas as contribuições realizadas pelos filósofos ao longo da história da Filosofia, pelo que tivemos a ousadia de apontar.

Após analisar alguns filósofos apresentados no trabalho, concluímos que o entendimento de Santo Tomás de Aquino vem a ser o mais acertado, muito embora não possamos desconsiderar os demais. O próprio Santo de Aquino faz uso de seus antecedentes para finalizar seu pensamento.

Assim que concluímos que o homem é uma forma encarnada da alma num corpo em unidade de substância com ele.

Não existem três almas, a intelectiva, a nutritiva e a sensitiva, mas uma alma racional que engloba a nutritiva e a sensitiva.

O homem é um ser racional, cuja inteligência conhece o inteligível, no sensível.

Entendemos que o homem completo é a unidade de corpo e alma, e não só alma, muito embora essa possa existir independente daquele. Mas o homem, enquanto pessoa, necessita da união dos dois elementos.

O término pessoa passa a existir com o cristianismo onde a dignidade do homem passa a ser considerada a partir do tema da imagem e semelhança de Deus. Assunto este que já havia sido tratado pelos Padres da Igreja que antecederam Santo Tomás.

O fim da vida humana consiste na beatitude, ou seja na visão face a face com o Criador. Para isso , o homem precisa passar por uma progressiva vida interior. Santo Agostinho colabora muito nas etapas enumeradas da alma, até que atinja seu fim.

Desta forma, o homem possui uma vida com corpo e alma em unidade e com uma indiscutível finalidade escatológica.

BIBLIOGRAFIA:

ARISTÓTELES, *Acerca del alma* (intr., trad. Y notas de T. Calvo Martínez), Madrid, Gredos, 1978.

_____ *Metafísica*, México.: ed. Porrúa, S.A., 1992.

BITTAR, E.C.B, *Curso de Filosofia Aristotélica. Leitura e interpretação do pensamento aristotélico*, São Paulo, Manole, 2003.

CASSIRER, E. *Antropología Filosófica*. Méjico: Fondo de Cultura Económica: 1992.

DE BONI, L.A. *De Abelardo a Lutero: estudos sobre a filosofia prática na Idade Média*. Porto Alegre ,EDIPUCRS, 2003.

DIELS, Die Fragmente der Vorsokratiker, ed. Por W. Krantz (5ª ed. Berlín, 1934), I..

FRAILE G y URDANOZ T. *Historia de la Filosofia II/1 El cristianismo y la Filosofia Patristica. Primera Escolástica*, 3ª ed. Madrid, B.A.C. , 1975.

FRAILE,G Y URDANOZ T., *Historia de la Filosofia VOL. II/2 Filosofia judia y muçulmana. Alta Escolástica: desarrollo y decadeencia*. 3ª ed. Madrid. B.A.C, 1975

GEHEN, A. *Ensayos de Antropologia Filosófica*. Santiago de Chile: Sígumeme, 1973

HERÁCLITO, *Fragamentos*. Rio de Janiero. Tempo Brasileiro, 1980.

HOBBS, Thomas, *Do cidadão*. São Paulo, Martins Fontes, , 2008.

_____ - _____ *Leviatã*. São Paulo, Martins Fontes, 2008

MASCARO, A.L., *Filosofia do Direito*, São Paulo, Atlas, 2009.

NUNES COSTA, M.R. *10 Lições, sobre Santo Agostinho*, São Paulo, ed. Vozes, 2012.

PLATÃO, *Fédon*, Tradução de Jorge Paleikat. In Platão. São Paulo, Abril Cultural, 1972 (Coleção Os Pensadores).

_____ *Sofista*. Tradução de Jorge Paleikat. In Platão. São Paulo, Abril Cultural, 1972 (Coleção Os Pensadores).

_____ *Político*. Tradução de Jorge Paleikat. In Platão. São Paulo, Abril Cultural, 1972(Coleção Os Pensadores).

_____ *República*, São Paulo, EDIPRO, 2006

SANTO AGOSTINHO, *Contra os acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; o mestre*. São Paulo, Paulus (Coleção Patrística, n. 24- Trad. de Agostinho Belmonte), 2008.

_____ *A natureza do Bem* . Rio de Janeiro: Sétim Selo (Ed. Bilingue- Trad. De Carlos Ancêde NOuguê). 2005.

_____ *Solilóquios. A Vida Feliz*. São Paulo. Paulus (Coleção Patrística n. 11- Trad. De Adaury Fiotti e Nair de Assis Oliveira), 1998.

_____ *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus (Coleção Patrística, n. 8-Trad. Introd. e notas de Nair de Assis Oliveira).

_____ *A Cidade de Deus: contra os pagãos*. 3.ed. Petrópolis/São Paulo. Vozes/ Federação Agostiniana Brasileira (Vol I e II. Trad. De Oscar Paes Leme), 1991.

SANTO TOMAS DE AQUINO, *Suma contra los Gentiles*, Editorial Porrúa, México, 2004

_____ *Suma Teológica* (16 ts.) ,ed. Bilingue Madrid: B.A.C, 1954.

STREFLING, S.R., *Os sete graus de atividade da alma humana no QUANTITATE ANIMAE de Santo Agostinho*. Artigos, articles. Trans/Form/Ação, Marília v. 37, n3 p.179-200,Set/Dez, 2014.